

Governo muda estilo no exercício do poder

■ Depois de uma metamorfose e do ajuste na máquina tucana, a equipe de Cardoso acha o tom que será mantido até o fim do ano

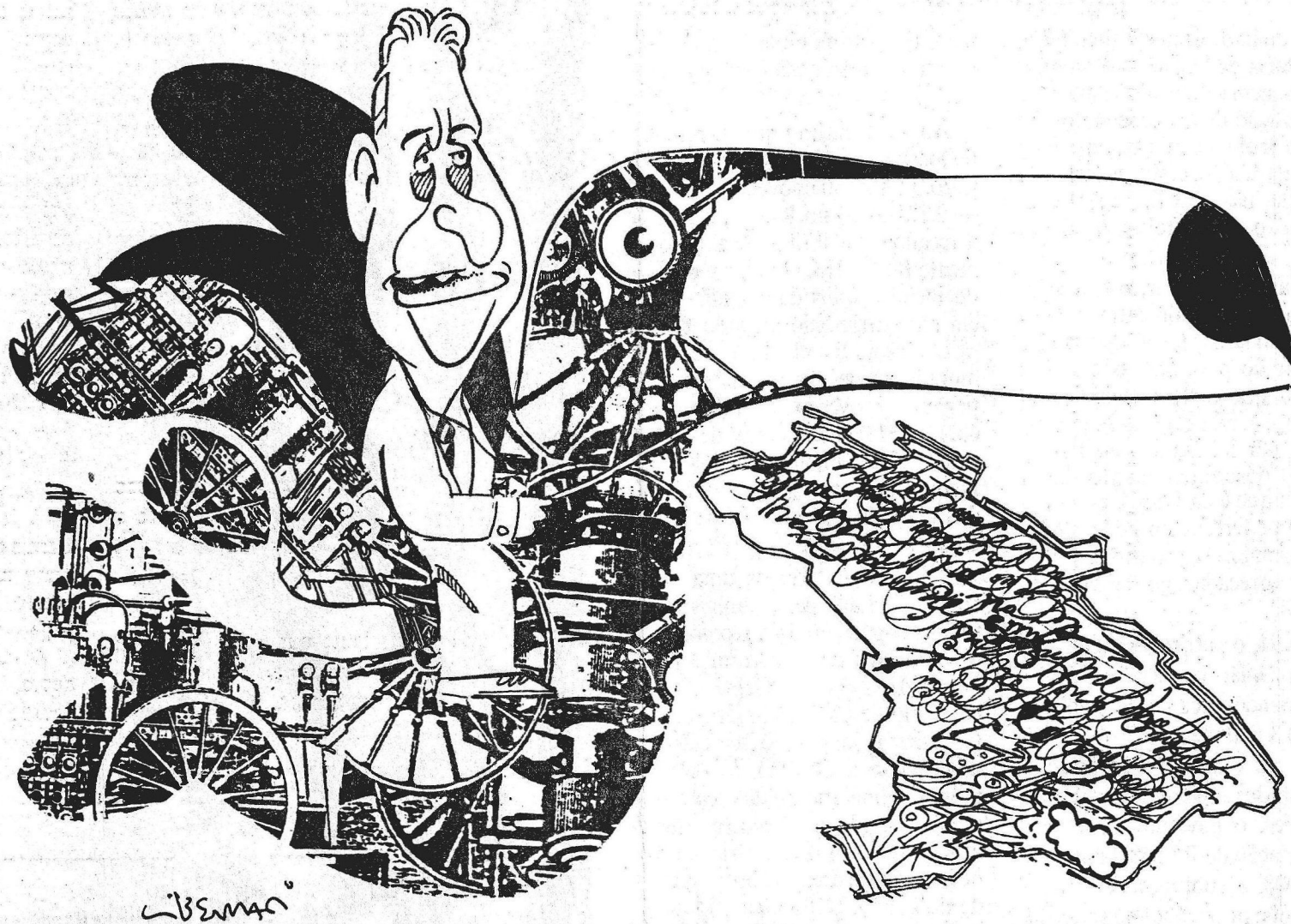
OCTACÍLIO FREIRE

A máquina de poder tucana está ficando azeitada. Como resultado do consenso finalmente obtido no primeiro escalão, o presidente Fernando Henrique Cardoso já determinou uma estratégia: manter até o fim do ano o atual estilo do governo, e depois apenas acertar as nuances da metamorfose. Para começar, os muitos conselhos consultivos — cultuados no início do mandato — serão oficialmente extintos. A articulação direta de Cardoso com parlamentares aumentará, deixando em segundo plano as lideranças do governo no Congresso. E os resultados na área social serão especialmente cobrados em reuniões mensais. “O governo começa a fazer sintonia fina, e o presidente pretende aproveitar a maré ao máximo”, conta o senador Artur da Távola (RJ), presidente nacional do PSDB.

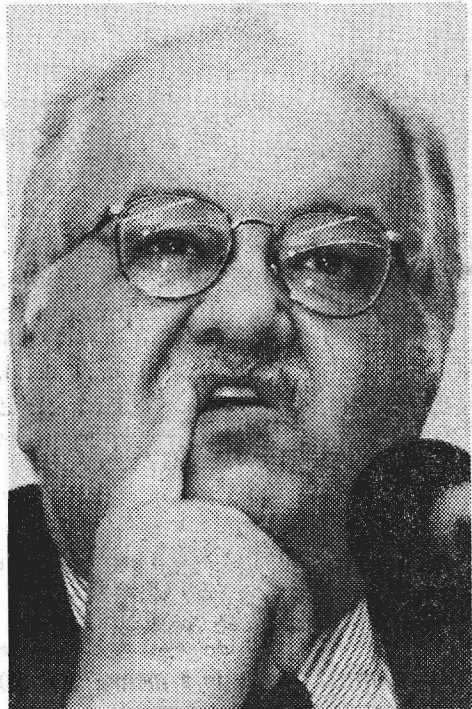
Outra modificação programada é a intensificação de viagens aos estados. Despachos oficiais fora do Planalto — como ocorreu há duas semanas em São Paulo, no Palácio dos Bandeirantes — tiveram efeitos positivos. Rio, Fortaleza e Porto Alegre são prováveis capitais a serem incluídas na agenda oficial até outubro. “O presidente gostou dessa forma de trabalho, e acha que é uma maneira de aglutinar ainda mais o apoio de governadores e prefeitos para a reforma tributária nesse segundo semestre”, diz um assessor direto de Cardoso.

As modificações no perfil do governo, inicialmente inábil e confuso na articulação política, começaram há três meses no próprio Planalto. Por determinação expressa de Cardoso, o chefe do Gabinete Civil, Clóvis Carvalho, abandonou o estilo *gerentão*, motivo de numerosas *trombadas* com parlamentares, até provocando a ira do senador aliado Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA). A orientação é dar prioridade à convivência política. “O problema é que no início o Clóvis acreditou quando o presidente disse que ele seria o segundo homem do governo”, lembra um ministro. “O presidente foi para a linha de frente da articulação”, complementa o líder do governo no Senado, Sérgio Machado (PSDB-CE).

Gastronomia política — Seminários e reuniões com presidentes de partidos são rotinas a sepultar. “O ideal seria exercer o poder durante dois meses e só assumi-lo no 60º dia”, brincou um amigo do



Arnildo Schulz — 18/4/95



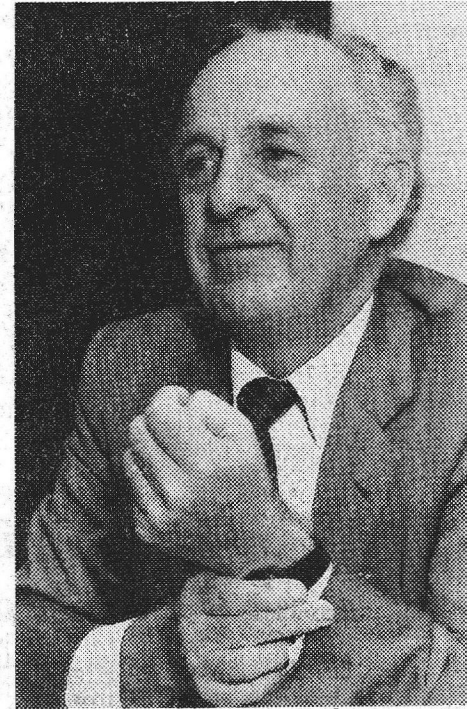
Sérgio Motta: mais discreto

Nelson Perez — 12/5/95



Pedro Malan: menos discreto

Fernando Pereira — 15/5/93



Bresser Pereira: quase mudo

presidente, em recente jantar com Cardoso, no qual foi feito um balanço do “aprendizado do poder”. Estatística do Palácio do Planalto contabiliza, de janeiro a maio, 191 audiências a deputados e 51 a senadores. Acrescente-se o grande número de encontros extra-oficiais. “O presidente deve ter engordado uns 10 quilos só em almoços, jantares e cafês da manhã com parlamentares”, ironiza o deputado Acácio Neves (PSDB), líder da bancada mineira.

Pessoas próximas a Cardoso asseguram que ele também considera ter corrigido os desacertos iniciais dos ministros. O da Administração, Bresser Pereira — celebrado pelas várias declarações desastradas — ficou praticamente mudo. “Hoje estou muito mais otimista do que no início do governo”, afirma o ministro, cauteloso, e sem entrar em detalhes. O poderoso Sérgio Motta, das Comunicações, ficou discreto após o escorregão da “masturbação sociológica”, cometido ao criticar a lentidão dos programas sociais. E até o ministro Pedro Malan, da Fazenda, um quase desconhecido do grande público por sua excessiva discrição, resolveu aparecer mais.

O caso de Malan é o mais radical. Documento reservado sobre o desempenho do primeiro escalão indicou que todas as vezes em que ele aparecia na mídia os resultados era bons para o Planalto. Cardoso não hesitou. Convenceu o ministro a reduzir sua aversão à imprensa. Malan hoje tem a missão de exercer o papel de Cardoso quando ministro da Fazenda de Itamar Franco. “Até as brigas com o Serra estão sendo dissimuladas”, analisa um chefe de gabinete ministerial.

O divisor de águas no comportamento de Cardoso em relação à condução pessoal da política foi uma reunião com a bancada do PMDB, em abril. Na época, a bancada ameaçou se rebelar numa votação do projeto de reforma da Previdência, ainda na Comissão de Constituição e Justiça. Cardoso desafiou — e venceu — a insurreição pemedebista. As mudanças se acentuaram após o retorno da viagem aos Estados Unidos.

Nasceu o programa semanal de rádio, a agenda ficou mais objetiva e dona Ruth Cardoso começou a intensificar as viagens pelo Brasil. “Ruth também mudou muito, e está aprendendo a exercer o poder da forma dela”, constata uma amiga, que hoje trabalha no primeiro escalão do governo.